

Centro de Ensino Universitário de Brasília – UniCEUB

Faculdade de Ciências da Educação – FACE

Curso de Pedagogia - Formação de Professores para Séries Iniciais do Ensino Fundamental – Projeto Professor Nota 10

Gladys Maris Leite

INTERCULTURA EM SALA DE AULA

Brasília, 2005.

GLADYS MARIS LEITE

INTERCULTURA EM SALA DE AULA

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia - Formação de Professores para Séries Iniciais do Ensino Fundamental – Projeto Professor Nota 10, da Faculdade de Ciências da Educação – FACE – do Centro de Ensino Universitário de Brasília – UniCEUB, como parte das exigências para a conclusão da disciplina Monografia II.

Orientador – Professor: Odiva Silva Xavier – Doutora em Educação.

Brasília, 2005.

Dedico esse trabalho à minha filha Samara, que suportou a solidão em vários momentos, para que eu tivesse a oportunidade de sonhar.

Agradeço a Deus, a minha família e a todos os colegas do UniCeub, que estiveram ao meu lado durante a longa jornada.

“Não há ventos favoráveis para aqueles que não sabem aonde vão”.

Sêneca

Resumo

Refletir sobre intercultura e descobrir meios de valorizar a cultura discente em sala de aula é o objetivo deste trabalho. Utilizando materiais simples, como: gravador, lápis e papel, os alunos de uma 1ª série da Escola Classe 316 Norte e seus pais, foram convidados, para participar de uma viagem pela cultura de cada família, suas crenças e costumes visando aproximar as crianças da cultura brasileira. Por meio de observações, sugestões, entrevistas e questionário, procurei questionar, analisar, qualificar e avaliar toda a prática docente, relacionada à identidade cultural dos alunos. Ao final de 6 meses de desenvolvimento desse trabalho, concluí que cada criança melhorou sua auto-estima, ampliou seus conhecimentos e sua percepção crítica da sociedade em que está inserido. Foi um trabalho que lhes deu a oportunidade de se iniciar no exercício da cidadania, da compreensão de seus valores, seus deveres e direitos. Todo o trabalho teria sido desenvolvido, mais rapidamente e amplamente, se todos os que dele participaram tivessem encontrado apoio da direção da Escola. No entanto, foi possível selecionar referências sobre o assunto, uma série de técnicas, colocar em prática iniciativas, registrar experiências, que poderão ser aplicadas ou melhoradas por qualquer professor que tenha o desejo de viver uma educação de qualidade.

Palavras-chave: Educação, Intercultura e Cidadania.

SUMÁRIO

Resumo	05
1. INTRODUÇÃO.....	07
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	09
3. OBJETIVOS	14
3.1 Objetivo Geral	14
3.2 Objetivos Específicos	14
4. METODOLOGIA	15
5. ANÁLISE	15
5.1 Passeando pela literatura	15
5.2 Resgatando Experiências	17
5.2.1 O Projeto Inicial	19
5.2.2 O Projeto Identidade	21
5.3 Proposição para vivenciar a Intercultura em sala de aula	25
5.4 Os Quatro Pilares da Educação	27
6.CONCLUSÃO	28
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	30
8. APÊNDICES	32
Apêndice A	33
Projeto: Pluralidade Cultural	34
Apêndice B.....	49
Entrevista.....	50
Apêndice C.....	51
Projeto: Identidade.....	53
Apêndice D.....	71
Questionários.....	72
Apêndice E	73
Avaliação de uma mãe	74

1. INTRODUÇÃO

Durante as participações nas várias disciplinas do curso de Pedagogia para Séries Iniciais do Ensino Fundamental – Projeto professor nota 10, alguns temas abordados, me fizeram repensar as práticas que vêm sendo difundidas, nas escolas, as quais venho observando e por vezes participando. Alguns desses temas estavam relacionados à inclusão e a necessidade de se estabelecer uma relação mais humana e de interesse real pelos alunos e suas realidades.

Por meio dos estudos e das pesquisas realizadas durante o andamento do curso, como os debates, as palestras, os projetos aplicados na escola, as atividades orientadas para a prática, percebi a falha que vinha ocorrendo na minha prática em sala de aula. Não estava havendo diálogo entre as várias singularidades que ali se apresentavam. Não estavam sendo levadas em consideração a contribuição que estas poderiam trazer e apenas as visões docentes eram trabalhadas.

Durante a disciplina História da Educação, uma das primeiras questões levantadas foi à necessidade de se conhecer e entender um contexto para a escolha de ações que direcionam a organização do trabalho educativo. Paralelamente, a disciplina Pesquisa e Prática Pedagógica I recomendava ao professor uma postura pautada na investigação da realidade onde atua para enfrentar os desafios do cotidiano escolar.

Comecei então a pensar onde e como, poderia influir, com maior resultado no futuro dos alunos, onde seria o início do processo de pensar sua realidade e construir sua identidade.

Vieram então as teorias sobre alfabetização na disciplina Alfabetização de Crianças e Jovens, dizendo que a alfabetização deve levar em conta as histórias pessoais, sociais, psicolinguística e linguística dos alunos e, que “o professor deve orientar e estimular a aprendizagem visando ao êxito dos alunos e aos sentidos desse processo na vida diária do futuro cidadão...” (Módulo VI, p.145). Tais teorias defendidas pela disciplina e pela professora orientadora me fizeram optar por iniciar esse trabalho de valorização da vivência das crianças e conseqüentemente de suas culturas na turma de 3º período da Educação Infantil.

Depois de reunir vários livros, periódicos e realizar uma retrospectiva do trabalho realizado no decorrer dos meus anos de magistério, considerei que talvez já viesse realizando um trabalho de valorização da cultura discente, mas sem fundamentos teóricos, ou conhecimento de que o fazia. A partir de então passei a pesquisar o assunto e por fim resolvi montar um projeto (Apêndice A), que destacasse as várias etnias que compõem a cultura brasileira.

O projeto trabalhava com a influência de cada cultura na comida, brincadeiras e brinquedos. Trazia-as para a sala de aula e identificava-as na vida das crianças, fazendo com que estas se vissem integrantes e participantes dessas culturas.

Durante a aplicação do projeto, que foi intitulado: “Pluralidade Cultural”, percebi grande interesse dos alunos e dos pais no processo, como demonstrado em entrevista (Apêndice B), no entanto senti falta das famílias na construção desse conhecimento, estando o processo todo centralizado na escola e a família tendo o papel de expectadora. Ampliando minha visão, percebi que a escola não traz as famílias para participar dos projetos.

Lembrei-me da disciplina Pesquisa e Prática Pedagógica I, que dizia ser frágil, um projeto de escola com visões parciais.

Como querer valorizar a vivência e a cultura das crianças, excluindo suas famílias do processo? Afinal, sendo a família o primeiro grupo a que se pertence, é ali que se inicia o processo de construção de sua identidade. Mas como trazer a família para dentro do processo?

Com essas questões em mente, procurei elaborar um novo projeto, que abarcasse os dois problemas: Como trabalhar a intercultura na escola e como trazer a família para participar do trabalho. O projeto intitulou-se: Identidade Cultural. Mas, por onde começar?

A professora de Pesquisa e Prática Pedagógica I, já enfatizava: **DIAGNÓSTICO!** Fazer o diagnóstico dessas famílias, procurar conhecê-las, onde moram, quais profissões exercem, quais religiões professam, seus *status* econômico e social, etc. Só assim poderei trazer as famílias para a escola e junto com elas desenvolver um projeto que valorize: sua formação, suas crenças, seus valores; que permita e privilegie a socialização dessas culturas, possibilitando ao aluno se identificar como

integrante de uma sociedade multicultural, onde cada um tem seu valor como cidadão, que produz cultura e tem sua individualidade produzida na diversidade, tendo assim, perante a sociedade, Direitos e Deveres.

2. Fundamentação teórica

Devemos pensar primeiro no conceito de cultura. Tal conceito é passível de diferentes concepções, o que é perfeitamente explicável já que diversos são os critérios para defini-la.

Do ponto de vista histórico, Cultura pode ser entendida como herança social, ou tradição, que é transmitida de uma geração para outra. Do ponto de vista comportamental, Cultura é compreendida como o comportamento humano, o modo de vida, que é compartilhado e aprendido pelos seres humanos. Na perspectiva normativa, a Cultura é considerada como os ideais, os valores ou regras de vida. Funcionalmente, a cultura pode ser entendida como o conjunto de modos que os seres humanos desenvolvem para resolver problemas de adaptação ao meio ambiente ou de vida em sociedade. Do ponto de vista mental, a cultura pode ser vista como o conjunto de idéias ou hábitos aprendidos, que inibe os impulsos e distingue as pessoas dos animais. Estruturalmente, a cultura pode ser concebida como padrões e inter-relações de idéias, símbolos e comportamentos. Do ponto de vista simbólico, considera-se que a cultura consiste no conjunto de significados, construídos arbitrariamente, que são compartilhados socialmente. Pode-se enfim, constatar que cultura envolve ao menos três componentes: o que as pessoas pensam, o que fazem e o material que produzem (FLEURI, p.8).

Durante meus estudos percebi, que muitos estudiosos pensam o multiculturalismo também de maneiras diferentes. No entanto o objetivo a ser alcançado é o mesmo: Inclusão.

No livro "O jogo das diferenças: o multiculturalismo e seus contextos", Gonçalves, et. al. (2002) fazem uma breve exposição sobre a estética do multiculturalismo e chegam à conclusão de que em cada lugar do mundo a luta pelo reconhecimento nasce em momentos e em grupos diferentes.

O multiculturalismo não interessa à sociedade como um todo, e sim a certos grupos sociais que, de uma forma ou de outra, são excluídos dos centros de decisão por questões econômicas e, sobretudo, por questões pessoais (GONÇALVES, et al.,2000, p.34).

Isso explica porque a maioria das publicações foca apenas um grupo étnico,

sendo o indígena ou o negro, quase uma regra geral. Poucos chegam a pensar em outras culturas, mas isso é fácil de entender, já que em toda a América foram os negros que deram início à discussão.

No Brasil não poderia ser diferente, por volta da década de 50 as discussões começaram:

... O objetivo primordial era submeter os conteúdos escolares a um exame crítico, sensibilizando os educadores brancos e negros para reconhecerem o valor da cultura afro-brasileira". (GONÇALVES, et al.,2000, p.34).

Após anos de debates, congressos, discussões, ditadura e democracia, construiu-se um discurso oficial no Brasil, representado pelos parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (MEC, 1997)

Atender necessidades singulares de determinados alunos è estar atento à diversidade: é atribuição do professor considerar a especificidade do indivíduo, analisar suas possibilidades de aprendizagem e avaliar a eficácia das medidas adotadas... a atenção à diversidade deve se concretizar em medidas que levam em conta não só as capacidades intelectuais e conhecimentos de que o aluno dispõe, mas também seu interesse e motivações (p.63)

No entanto a professora Maria de Lurdes Tura, no texto: Escola, Homogeneidade e Diversidade Cultural, chama a atenção para o caráter de homogeneidade desse discurso:

“... de forma a possibilitar que o heterogêneo se integre ao conjunto predeterminado de conteúdos curriculares, voltando-se ao leito do homogêneo *modus operandi* da educação escolar” (GONÇALVES, 1999, p.101).

Outros autores destacam o mesmo problema, como a Doutora Ana Lúcia E. Valente no texto “Conhecimentos Antropológicos nos Parâmetros Curriculares Nacionais: para uma discussão...”: “Em certo sentido, recoloca-se em outros termos o papel da escola como agente homogeneizador” (GUSMÃO, 2003, p.23).

Penso, porém, que apesar de haver problemas no texto dos PCN houve também um avanço na discussão e uma intenção de acertar. Os PCN podem servir como um ponto de partida para o docente que percebe a necessidade de promover a interculturalidade na escola, mas não é uma receita pronta, e sim uma indicação, uma possibilidade.

Também, não pretendo dar uma receita pronta, apenas alguns indicadores de como o professor deve agir para respeitar a cultura discente e não anulá-la,

aproveitando sua diversidade para desenvolver a aprendizagem, como diz Franco (1995, p.70):

Assim como a alfabetização é um processo de construção que a criança percorre, a prática pedagógica também deve ser construída pelo professor, no seu dia-a-dia, sempre refletindo sobre sua própria prática iluminada pelos conhecimentos teóricos e pela realidade interna e externa de seus alunos.

Essa realidade é diversa, sendo necessário que se perceba esta diversidade na nossa comunidade, que cada singularidade se apresente e que se aprenda com cada diferença a valorizar todas as culturas e a beleza de cada uma.

Todo o processo é uma construção. Construção de oportunidades para que o aluno torne-se um cidadão, capaz de atuar, criticar e transformar a sociedade. Mas não é tarefa das mais fáceis, principalmente quando o professor luta sozinho.

No livro “A Invenção da sala de aula: O melhor do bolando aula” há um texto escrito por uma das elaboradoras do Tema Transversal “Ética” que compõe os Parâmetros Curriculares Nacionais, Regina Célia Lico Suzuki, onde a mesma diz ser essencial para qualquer trabalho educativo a ser realizado pelo professor, que vise à construção da cidadania, “... como requisito primeiro e essencial, a participação efetiva na construção e implementação do projeto pedagógico da escola” (2002, p.154). Porém, e se, como vem acontecendo na rede pública de ensino, os professores não tiverem acesso ao Projeto Político-Pedagógico da escola, ou mesmo se esse não existir? Ficarão os professores parados? A escola não se mobiliza, vamos deixar pra lá?

Evidentemente que uma escola com gestão democrática é o ideal de todas as comunidades escolares. No entanto não é a realidade da maioria.

“A crise se apresenta como um aspecto da transformação. Os chineses, que sempre tiveram uma visão inteiramente dinâmica do mundo e uma percepção aguda da história, parecem estar bem cientes dessa profunda conexão entre crise e mudança. O termo que eles usam para crise, *wei-ji*, é composto por dois caracteres: ‘perigo’ e ‘oportunidade’”

A crise é uma oportunidade de repensarmos nossa prática docente e melhorá-la, os chineses utilizam o termo, *wei-ji*, para crise, que é composto pelos caracteres: ‘perigo’ e ‘oportunidade’ (CAPRA, 1982, p.24) e ela pode apresentar-se de várias

maneiras: Escola sem Projeto Político Pedagógico, direção indiferente, ou mesmo contrária, comunidade alienada, etc.

Atualmente, embora seja admitido como algo desejável, em geral a gestão e organização da escola não são configuradas pensando-se na aceitação de diferentes realidades, mas são propostas a partir da perspectiva da homogeneização. Neste sentido, o princípio de igualdade de oportunidades, que deveria ser um dos critérios básicos da organização da escola, não deve ser entendido como um tratamento homogeneizador, porque nega sentido à diversidade. Pelo contrário, devemos procurar oferecer a todos os indivíduos as mesmas possibilidades de desenvolverem as suas potencialidades de aprendizagem e de melhora de qualidade de vida, sempre consideradas a partir da perspectiva de igualdade social (LUCH, 1998, p.54).

Como docentes podemos melhorar nossas concepções e práticas, orientando-nos pelo *Decálogo de Virtudes para o Professor*, deixado pelo mestre Paulo Freire (1996).

1. Ensinar exige respeito pelo conhecimento do estudante.
2. Ensinar exige estética e ética.
3. Ensinar exige dar o exemplo.
4. Ensinar exige respeito pela autonomia do estudante.
5. Ensinar exige bom julgamento.
6. Ensinar exige curiosidade.
7. Ensinar exige autoconfiança, competência profissional e generosidade.
8. Ensinar exige liberdade e autoridade.
9. Ensinar exige saber ouvir.
10. Ensinar exige amor aos estudantes.

Para conseguirmos conduzir nosso trabalho, como educadores, de maneira que todos sejam valorizados e sintam-se partes integrantes da escola, devemos promover momentos em que cada singularidade apresente sua forma de pensar o mundo.

“A educação apresenta-se como um processo, ou seja, um caminho aberto, complexo e multidimensional, pois envolve uma multiplicidade de fatores e de dimensões: a pessoa e o grupo social, a cultura e a religião, a língua e a alimentação, os preconceitos e as expectativas. A educação intercultural não se reduz a uma simples relação de conhecimento: trata-se da interação entre sujeitos. Isto significa uma relação de troca e de reciprocidade entre pessoas vivas, com rostos e nomes próprios, reconhecendo reciprocamente seus direitos e sua dignidade. Uma relação que vai além da dimensão individual dos sujeitos e envolve suas respectivas *identidades culturais diferentes*” (FLEURI, 2001, p.139-140).

Para podermos realizar um trabalho com tal complexidade é necessário, pesquisa e muita boa vontade, pois não há ensino sem pesquisa e não há pesquisa sem ensino,

como diz Freire (1996, p.52):“Pesquisa para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo”.

É nessa perspectiva que tenho procurado desenvolver minha prática docente, conforme relatos adiante, apoiados na literatura constante desta seção e em outras obras que poderão ser consultadas até o final da análise deste trabalho de conclusão de curso, visando atingir os objetivos propostos.

3. OBJETIVOS

3.1 Objetivo geral

Refletir sobre intercultura e descobrir meios de valorizar a cultura discente em sala de aula.

3.2 Objetivos específicos:

- a) Analisar teorias no âmbito da Diversidade Cultural;
- b) Resgatar experiências, discutindo atitudes docentes compatíveis com a exploração do tema, em sala de aula;
- c) Propor formas de trabalhar o tema, em sala de aula.

4. Metodologia

Este estudo caracteriza-se como pesquisa qualitativa, tendendo mais para pesquisa prática, Foi realizado em uma turma de 1ª série do Ensino Fundamental, da Escola Classe 316 Norte, com crianças de 7 a 9 anos.

As técnicas utilizadas foram:

- a) Observação, na modalidade participante, realizada por meio do contato direto do pesquisador com o fenômeno observado, para obter informações sobre a realidade dos atores sociais em seus próprios contextos.
- b) Entrevista semi-estruturada, que englobou perguntas previamente estruturadas, mas que deram ao informante liberdade nas respostas.
- c) Questionário, que foi respondido pelos pais dos alunos durante a 1ª reunião do ano.

A coleta de dados foi realizada durante a vivência docente, em registros da prática e na literatura considerada, no período correspondente ao 1º semestre de 2005.

Os dados foram organizados por ordem cronológica e analisados com base nos estudos realizados durante a pesquisa bibliográfica e o Decálogo de Virtudes para o Professor, proposto por Freire (1996).

5. Análise

5.1 Passeando pela literatura

Para falar sobre intercultura é necessário explicitar os conceitos de cultura e multiculturalidade, com os quais estou trabalhando.

Quando fiz meus estudos para fundamentar teoricamente este trabalho, encontrei no livro “Intercultura: estudos emergentes” de Fleuri (2001) um resumo de tudo o que havia lido sobre cultura, tanto que o transcrevi no item 2. Baseado no mesmo, foi que construí alguns conceitos expressos a seguir, que passam a nortear a análise.

Cultura é compreendida, aqui, como o conjunto de conhecimentos, crenças e idéias, adquirido e utilizado por um grupo particular de pessoas para interpretar experiências e gerar comportamentos, orientando suas ações no mundo; enquanto que Multiculturalismo significa reconhecimento da multiplicidade cultural de uma sociedade.

Então, o que vem a ser o interculturalismo? Intercultura, ainda me baseando em Fleuri (2001), é a interação entre as diversas culturas que compõe uma sociedade. A educação intercultural é uma nova proposta pedagógica que surge, apontando caminhos possíveis para desenvolver relações cooperativas entre sujeitos e culturas, objetivando a troca e o enriquecimento recíproco.

Portanto, trabalhar com a intercultura é promover a cidadania, como nos diz Kramer (*apud*, Basílio, 2003). É discutir a necessidade de concretizar as políticas para a infância e essas precisam reconhecer as diferenças, pois, conhecimento é poder.

Quando uma cultura se sobrepõe a outras, vai com certeza, tomar posse e manipular o conhecimento, atingindo diretamente a educação, assim como todos os outros setores da sociedade e suas manifestações culturais.

Também não existem culturas estáticas. As culturas se relacionam e se modificam no contato com outras culturas, em um movimento natural de entrelaçamento de idéias e valores.

A intercultura entra exatamente nesse ponto, buscando entender e promover lenta e prolongadamente a formação de contextos relacionais e coletivos de elaboração de significados, que orientam a vida das pessoas. Como diz Fleuri (2001), essas inter-relações só podem se dar, individualmente, com o reconhecimento do indivíduo, junto à sua cultura, seus valores e seus conhecimentos.

Seria, portanto incompreensível tirar do indivíduo a sua participação em um projeto intercultural. Paulo Freire (1996) é categórico no que concerne a essa colocação, pois para ele, a consciência que o homem tem de sua presença no mundo significa já a impossibilidade de sua ausência na construção da própria identidade cultural.

5.2 Resgatando experiências

Sabemos, que não basta reconhecer a existência das várias culturas, é necessário praticar a igualdade de oportunidades e criar mecanismos para lidar com a multiplicidade cultural. Assim proponho aqui, algumas maneiras de trabalhar a intercultura em sala de aula, tomando por base a minha vivência.

Em anos anteriores, estive sempre preocupada em como trabalhar a cultura de cada criança, sem esquecer das várias etnias que compõem a cultura brasileira. Em princípio, pensei em trabalhar essas etnias por meio da contribuição de cada uma no decorrer da história do Brasil. Essa idéia chegou a ser experimentada, como mostra a figura 1, cujo grupo indígena se apresentou na escola, por ocasião do dia do índio.



Figura 1: Apresentação de um grupo indígena na escola, 2000



Figura 2: visita a uma igreja construída por escravos, Planaltina, 2002.

No desenvolvimento do projeto “Pluralidade Cultural” (Apêndice A), percebi que o meu objetivo inicial, resgatar a cultura discente, não estava sendo concretizado, plenamente, pois as crianças achavam tudo lindo, mas não se identificavam com os acontecimentos. Então, passei a observar e conversar com alguns pais (Apêndice B), e a avaliar e analisar o projeto, seus pontos positivos e negativos.

Concluí que o que faltava para que esse primeiro projeto se desenvolvesse de maneira a abarcar as diversas culturas existentes de sala de aula, era a participação

das famílias, na elaboração do projeto e no desenvolvimento do mesmo em sala de aula.

Montei, então um novo projeto (Apêndice C). Apliquei-o e consegui atingir o principal objetivo, que era valorizar a cultura discente.

As duas próximas seções tratam do desenvolvimento e dos resultados dos dois projetos historiados acima.

5.2.1 O projeto inicial

A primeira tentativa de trabalhar a diversidade cultural em sala de aula, e trazer a alegria de pertencimento a uma cultura, foi em 2004, quando criei o projeto “Pluralidade Cultural”(Apêndice A). O objetivo desse projeto era fazer com que as crianças interessassem-se e demonstrassem curiosidade pelo mundo social, formulando perguntas, imaginando soluções para compreendê-lo, manifestando opiniões próprias sobre os acontecimentos, buscando informações e confrontando idéias.

Para elaborar o projeto, procurei fontes de pesquisa em revistas, livros e Internet, no sentido de descobrir como resgatar experiências passadas. Assim o fiz, baseando-me em minhas crenças pessoais.

O projeto foi desenvolvido com uma turma de 3º período, seguindo as cinco etapas abaixo. Em torno da temática e do significado de cada uma, foram desenvolvidas as atividades.

Primeira: Como era o Brasil, antes da chegada dos portugueses.

Segunda: Os portugueses chegaram.

Terceira: A chegada dos negros no Brasil.

Quarta: Os imigrantes.

Quinta: O Brasil hoje.

Tais etapas foram desenvolvidas no decorrer do ano letivo de 2004, com muito sucesso. Cada uma objetivava o conhecimento e o reconhecimento de cada aluno como ser participante dessa cultura, isto é, da cultura brasileira.

Os alunos estiveram atentos em todos os momentos, participando entusiasmados, principalmente nos momentos em que foram em excursões a alguns locais, como à Embaixada de Portugal e a FUNAI (Fundação Nacional do Índio) ou quando se apresentaram para as outras turmas da escola. A figura 3 mostra um exemplo dessas apresentações realizadas na 2ª fase.



Figura 3: Apresentação com o brinquedo barangandão de origem portuguesa, Escola Classe 316 Norte, 2004.

A 4ª etapa pedia a participação de pessoas relacionadas a outras culturas, no entanto, não foi possível. Tal fato deixou as crianças muito tristes. Procurei, então compensá-los, mostrando lhes por meio de pesquisas realizadas na Internet, a contribuição que esses imigrantes trouxeram para o Brasil. Muitos identificaram certos hábitos familiares, como festas, comemorações e superstições originárias desses imigrantes.

Durante o desenvolvimento do projeto, fomos montando, um mural onde representamos em uma linha do tempo (linha que registra as modificações de um objeto ou fenômeno estudado, através do tempo) o mapa do Brasil, em relação aos

vários grupos étnicos que foram povoando o Brasil. Tal linha do tempo fez com que pensassem no destino dos grupos indígenas que, inicialmente, povoavam as terras brasileiras e esse ponto foi o mais destacado e apreciado pelas crianças.

Ao final do trabalho, apesar da riqueza do projeto, as crianças não estavam se identificando como pertencentes a essas etnias. Identificavam essas influências em suas vidas, mas não se viam como parte integrante das mesmas.

Ao parar para pensar no que poderia ter acontecido, percebi que a criança tem suas referências culturais na família e essa não havia participado do projeto. Havíamos feito todo o trabalho e deixado a família de fora. Como se identificar com uma cultura e se sentir parte dela, sem colocar a família dentro dessa cultura?

Procurei as famílias dos meus alunos para conhecer sua opinião sobre o projeto e como eles perceberam sua participação e contribuição. Com essas informações, em mãos, reorganizei meus registros e montei um novo plano de ação, que veio a se concretizar no projeto “Identidade” (Apêndice C).

5.2.2 O projeto Identidade

O novo projeto começou a nascer no final do ano de 2004, mas só tomou forma no início de 2005, quando as famílias estiveram presentes, em uma reunião e expus todo o trabalho desenvolvido no ano anterior, pedindo a participação de todos na aplicação do novo projeto e em sua estruturação também, por meio de sugestões para serem desenvolvidas durante o ano letivo. Todos se mostraram interessados e utilizando-se de um questionário (Apêndice B), foi realizado um diagnóstico de suas famílias e dos alunos que estariam comigo durante o ano.

O objetivo do novo projeto era: Compreender as qualidades da própria cultura, valorizando-a criticamente, enriquecendo a vivência de cidadania e elevando sua auto-estima, como ser humano que merece reconhecimento e dignidade.

Para atingir esse objetivo, dessa vez eu passei a contar com a presença da família e muito mais do que trabalhar a multiculturalidade. A idéia era favorecer a interculturalidade, na medida que as famílias levassem suas crenças, costumes e

valores para a sala de aula e apresentassem umas para as outras, promovendo o conhecimento e o entrelaçamento de todas elas.

O projeto foi desenvolvido em 6 etapas. A primeira, a segunda e a terceira etapas estavam destinadas a trabalhar o “EU”: Quem eu sou? Onde nasci? A que família pertencço? Como cheguei até aqui?

Essas perguntas foram respondidas por meio do estudo da Certidão de nascimento de cada criança e de sua linha do tempo. A família participou ajudando as crianças a preencherem as certidões e a montarem as linhas do tempo. Logo após, as crianças apresentaram umas para as outras, falando das curiosidades, como: quem escolheu seu nome, de onde a família é originária, qual o significado do nome e porque a família veio para o Distrito Federal.

A cada tema trabalhado, as famílias eram convidadas a estarem presentes falando sobre sua vivência.

Ao trabalharmos o alfabeto e os números, foi convidada, uma família de origem árabe para falar de sua cultura e da origem do seu país, uma vez que os árabes contribuíram para que hoje utilizemos os numerais arábicos.

Ao trabalharmos a Páscoa iniciei o trabalho apresentando o filme “Moisés, o príncipe do Egito”, para as crianças entenderem a origem da comemoração da Páscoa e falei sobre a Páscoa judaica. No dia seguinte vieram três famílias, cada uma de uma religião diferente, para explicar o significado daquele dia para cada uma e como o comemoram. Cada mãe falou por aproximadamente 10 minutos. Com exceção de uma mãe, as outras ficaram para ouvir a apresentação de uma delas. A figura 4 representa o momento em que as crianças entregaram lembranças de agradecimento às famílias que participaram desse momento, representada ali por duas mães.



Figura 4: Mães que falaram sobre o significado da Páscoa recebendo o agradecimento das crianças
- 2005

Ao comemorarmos o dia do índio, convidamos a Família de uma das crianças, que é índia para falar de sua vivência na aldeia.

Ao falarmos do Aniversário de Brasília, as famílias que haviam sido pioneiras na cidade, foram convidadas a falar sobre o começo de Brasília. Apenas o Sr, José Batista, que é avô de uma das crianças, pôde comparecer. Além da geografia de Brasília na época, ele falou sobre como foi trazer a luz elétrica para a nova capital, já que ele era o engenheiro responsável pela obra. A figura 5 nos mostra o momento em que ele circulava entre as crianças e respondia perguntas que lhe fizeram após sua exposição.

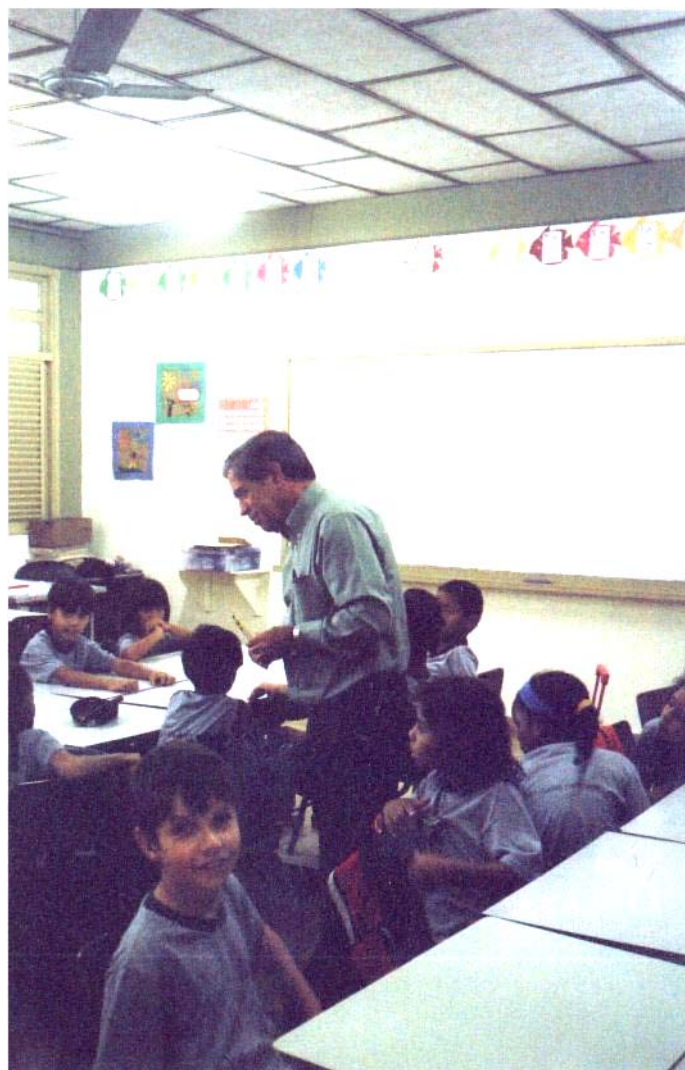


Figura 5: Participação de famílias pioneiras de Brasília - 2005

Assim foram acontecendo os momentos em que cada criança teve sua família, seus costumes e suas vivências apresentados e valorizados pelos colegas de classe e por sua escola.

Após cada participação, os colegas montavam um acróstico com o nome do aluno, que trouxe a família à sala de aula, um texto descritivo, falando sobre o colega.

Cada vez que anunciava que uma família seria convidada a vir à escola, as crianças ficavam ansiosas. Cada uma desejava que fosse a família dela. Durante as apresentações nunca houve momentos de desatenção ou indisciplina detectados.

Infelizmente houve famílias que não puderam participar de momentos como esses, devido a horários e trabalho, no entanto as crianças eram levadas a pesquisar sobre as próprias famílias e então cada uma delas apresentou sua família, tendo então seu momento de reconhecimento, pelos colegas.

5.3 Proposição para vivenciar a intercultura em sala de aula

Da experiência com o projeto citado no item anterior, destaco os principais pontos para um trabalho pedagógico intercultural. São eles:

A família

Para trabalhar com a pedagogia intercultural, precisamos, em primeiro lugar, estar aberto para um intercâmbio com as famílias. A UNESCO destacou em seu pronunciamento de 13 de junho de 2003, que a família deve ser considerada um componente central, pois é ela quem formará a criança em seus aspectos físico, social e moral, inclusive infundindo valores positivos ou negativos, que refletem no comportamento.

Quando uma família está desestruturada a criança reflete a situação em sala de aula manifestando: desatenção, agressões, condutas anti-sociais etc.

Portanto, precisamos conhecer as famílias, escutá-las, não ficar falando ou dando opiniões, que muitas vezes nem foram pedidas. Só quem aprende a escutar, vai conseguir falar com alguém e ter suas idéias compreendidas. Só assim, ouvindo, conseguimos entender como o outro pensa, ouvindo-o. *“Um educador que escuta aprende a difícil lição de transformar o seu discurso, as vezes necessário, ao aluno, em uma fala com ele”* (FREIRE, 1996, p. 70).

Um projeto não pode estar baseado apenas nas concepções docentes e muito menos um projeto intercultural.

O primeiro passo, então, é reunir as famílias, expor a importância de um projeto que valorize suas culturas e individualidades e, junto com elas, fazer um levantamento de temas a serem trabalhados no projeto.

A seguir deverá ser feito um diagnóstico que pode ser por meio de questionários, aplicados às famílias, reuniões, observações e visitas as suas residências, se forem possíveis.

O apêndice D, que foi confeccionado durante a montagem do referido projeto, é um modelo que pode ser adotado, adaptado ou melhorado para subsidiar a realização do diagnóstico.

Com esses dados em mãos, o próximo passo é analisá-los e separá-los por afinidade, ou seja, sua religião, moradia, local de nascimento, quantidade de filhos, nível cultural e social, etc. E, então, pesquisar cada cultura utilizando livros, revistas, entrevistas, Internet, visitas a ONGs e grupos culturais. Não podemos esquecer que para desenvolvermos um tema é necessário conhecê-lo bem, pois identificar e compreender a riqueza da pluralidade cultural e da diversidade, respeitá-la e valorizá-la, é trabalho complexo, mas inerente à dignidade da tarefa educacional.

O aluno

O aluno não é uma folha em branco que chega à suas mãos para que passe a existir, daí em diante, como um ser cultural. Ele vem para a escola com toda uma “bagagem” cultural, vivenciada em seu grupo social, em sua família.

É necessário conhecer esse aluno, suas condições sociais, culturais e econômicas. Não podemos respeitar sua vivência, desconsiderando as condições em que vem existindo.

Portanto o próximo passo é dar às crianças a liberdade de se expressarem em sala de aula, por meio de atividades sócio educativas, vivências de situações variadas, dramatizações, exercícios de socialização e integração, produções de textos ou mesmo simples conversas nos momentos de lazer.

Nesses momentos a postura do professor deve ser coerente com sua posição: atenciosa, respeitosa, amigável, mas nem por isso menos séria. Dar liberdade é também dar limites.

A escola

Sabemos que o ambiente escolar pouco ou nada valoriza a cultura discente. Age como se ela não existisse, anula-a. Sabemos também, que a escola, quase sempre trabalha com datas comemorativas.

No entanto, esses momentos muito festivos nem sempre são propícios à reflexão do aluno. Por isso, estudos e vivências interculturais devem ser estimulados e apoiados pela escola, não somente as ações voltadas para datas comemorativas esporádicas. Então, por que não aproveitar essas datas para promover o intercâmbio cultural?

Convidemos as famílias a virem à escola falar sobre as datas comemorativas e suas diversas formas de interpretá-las e vivenciar com seus filhos uma programação mais ampla, que tenha objetivos educativos claros e não apenas festivos.

5.4 Os Quatro Pilares da educação

Ao resgatar vivências docentes nesse projeto, me vi diante dos Quatro Pilares da Educação, descritos no relatório para a UNESCO da comissão Internacional sobre Educação para o século XXI, que resultou no livro “Educação: um tesouro a descobrir” (Delors et.al., 1996; *site* da UNESCO, 2003). Fazendo relação com as atividades interculturais desenvolvidas, percebi que os quatro pilares estavam sendo contemplados nesse trabalho:

Aprender a Conhecer: Fazendo com que o aluno compreenda o mundo que o rodeia, tornando-se para toda a vida um sujeito consciente de sua ação no mundo.

Aprender a fazer: Conhecer e fazer são indissociáveis. É pesquisando, desenhando, confeccionando cartazes, mural, etc. que o aluno do 3º período, por exemplo, se torna capaz de enfrentar situações em que seus valores são confirmados ou contestados.

Aprender a viver junto. Promovendo a compreensão e a descoberta do outro e a percepção das interdependências, no sentido de realizar projetos comuns e preparar-se para gerir conflitos.

Aprender a ser. Contribuindo para o desenvolvimento total do aluno, isto é, espírito e corpo, inteligência, sensibilidade, cidadania e espiritualidade.

Esses quatro pilares da educação estão sendo contemplados no projeto e se entrelaçam na realização de seus objetivos.

O Projeto “Identidade” ainda está em andamento. O relato da experiência que diz respeito ao mesmo, considerou as atividades desenvolvidas até meados de junho de 2005. O Apêndice E mostra parte da avaliação dos trabalhos realizados no primeiro bimestre. Ele continua até agosto de 2005, conduzido de acordo com esses quatro pilares e os princípios de Freire (1996), em seu Decálogo de Virtudes para o Professor, mencionados na seção 2.

CONCLUSÃO

Ao refletir sobre essas experiências e os caminhos percorridos, procurei resgatar momentos que possibilitaram o trabalho intercultural e vi vários deles emergindo das situações que se sucediam: a participação das famílias na escola, por meio de reuniões, eventos e palestras e desenvolvendo, junto com elas, um projeto que valorizou suas origens, suas crenças, seus valores e seus costumes.

Esse trabalho, por meio de projetos, permitiu e privilegiou uma reinterpretação do “eu cultural” e a socialização de culturas, com momentos reflexão, de debates, conversas livres e dirigidas, pesquisas, apresentações e trabalhos em grupo, etc., de modo a integrar e explorar também conteúdos curriculares, de forma alegre e prazerosa para os alunos.

Foi possível perceber que esse trabalho possibilitou ao aluno se identificar como integrante de uma sociedade multicultural, valorizando sua individualidade cultural e respeitando a diversidade. Por meio de pesquisas, entrevistas, excursões, debates e apresentações, o aluno percebeu que tem seu valor como cidadão reconhecido e que está social e culturalmente integrado.

Esses momentos foram de grande importância para o meu desenvolvimento profissional e mais ainda como pessoa, pois vi os alunos desabrochando, para a vida,

refletindo-se uns nos olhos dos outros, com curiosidade e respeito. Eles nos mostraram que uma das tarefas mais importantes da prática educativa reflexiva é propiciar as condições em que os educandos, em suas relações uns com os outros, com as famílias e com o professor, ensaiam a experiência profunda de assumirem-se como pessoas e como parte de uma coletividade. Em outras palavras é assumir-se como ser único, mas social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador e autoconfiante.

Foi assim em cada momento vivenciado com as crianças e as famílias, que percebi nessa evolução, um desejo de ser visto, de ser valorizado e reconhecido, pela escola, pelo professor, pelos colegas e pela própria família.

Ao professor cabe dar essa oportunidade ao educando, dando o exemplo de respeito às diferenças, valorizando cada aluno, cada família, cada experiência, a curiosidade e a vivência em sala de aula.

Um trabalho pedagógico intercultural dá também ao professor a oportunidade de aprender, construir, reconstruir, constatar para mudar, o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura do espírito.

O professor precisa criar um ambiente de liberdade, diálogo e alegria e ter a esperança de que ambos - professor e alunos - juntos possam aprender, ensinar, inquietar-se, produzir e, igualmente, resistir aos obstáculos e aprender de forma significativa.

A sociedade atual necessita de pessoas que enxerguem as desigualdades, a necessidade de se exporem as várias culturas presentes à nossa volta, ou mesmo refletir sobre o que está dentro de nós.

Precisamos pensar em nossas contribuições como professor, formador de opinião, mas devemos lembrar que o pensar e o ensinar a pensar, envolvem riscos, pois nem todos vão entender ou aceitar a idéia de que todas as culturas são valiosas e valorosas.

Devemos nos recusar a legitimar o que se coloca como superior, homogeneizando, em sala de aula, as culturas vivenciadas em casa. Defender a Intercultura e atuar na docência com essa postura é engajar-se em um projeto cujo

verdadeiro sentido só poderá se dar na posteridade, quando essas crianças passarem a criar as regras da sociedade, mudando paradigmas cristalizados.

Referências

1. BASÍLIO, Luiz Cavalieri. **Infância, educação e direitos humanos**. São Paulo: Cortez, 2003.
2. CAPRA, Fritjof. **O ponto de mutação**. São Paulo: Cutrix, 1982.
3. DELORS, Jacques et al. Educação: um tesouro a descobrir. Rio Tinto, Portugal: Edições Asa, 1996 (capítulo 4, p. 77-88).
4. DEMO, Pedro. **Metodologia Científica em Ciências Sociais**. 3ª edição (revista e ampliada). São Paulo: Atlas, 1995.
5. FLEURI, Reinaldo Matias (org.). **Educação intercultural: mediações necessárias**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
6. FRANCO, Sérgio Roberto Kialing, **O construtivismo e a educação**, 4ª edição (revista e ampliada), porto Alegre: Mediação, 1995.
7. FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz na Terra, 1996.
8. GONÇALVES, Luís Roberto Oliveira; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e, **O jogo das diferenças: o multiculturalismo e seus contextos**, 2ª edição, Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
9. GONÇALVES, Maria Alice Rezende (org.), **Educação e Cultura: pensando em cidadania**, Rio de Janeiro: Quartet, 1999.
10. GUSMÃO, Neusa Maria M. de (org), **Diversidade, Cultura e Educação: olhares cruzados**, São Paulo: Biruta, 2003.
11. LUCH, Xavier. Interculturalismo: Uma leitura crítica de interculturalidade, **Pátio, revista pedagógica**, Porto Alegre, n 6, p.54 a 55, agosto/outubro, 1998.
12. **O melhor do bolando aula**, GRUBHAS: Projetos Educacionais e Culturais, Petrópolis: Vozes, 2002.
13. PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: Ministério da Educação e Cultura, Brasília: MEC, 1997.

APÊNDICES

APÊNDICE A

Governo do Distrito Federal.
Secretaria de Estado de Educação.
Gerência Regional de Ensino do P. Piloto/Cruzeiro.
Escola Classe 316 Norte.

Projeto I

PLURALIDADE CULTURAL

Brasília, março de 2004.

PLURALIDADE CULTURAL

ESCOLAS PÚBLICAS DO DISTRITO FEDERAL

ANO LETIVO DE 2004

TURMAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL DE 4 A 6 ANOS.

COORDENAÇÃO: Gladys Maris Leite

APRESENTAÇÃO

Esse projeto destina-se a propiciar a ampliação das experiências já construídas pelas crianças, mostrando a diversidade cultural do meio social onde vivem, as diversas formas de explicar e representar o mundo e, paralelamente, possibilitar o conhecimento e a construção de novas formas de pensar os eventos que a cercam.

Estará dividido em 5 etapas, que esclarecerão de onde provém os costumes e hábitos do nosso povo e em que momento novas culturas vieram soma-se à nossa.

“ O domínio desses conhecimentos não é consolidado nessa etapa educacional. Ele vai se construindo, gradativamente... cabendo ao professor estimular o desenvolvimento de atitudes de curiosidade, de crítica, de refutação e de reformulação de explicações, para os diferentes fenômenos do meio social e natural.” (Currículo da educação básica do D.F. pp.39)

JUSTIFICATIVA

O povo brasileiro é fruto e fonte criadora de pluralidade cultural. A presença de outros povos em território nacional ajudou a moldar umas de nossas principais características culturais, desde o desembarque de Cabral na terra que viria a ser o Brasil.

No entanto nossas crianças desconhecem sua identidade cultural, as várias etnias que formam a cultura brasileira e é para que as crianças da turma pesquisem, identifiquem e conheçam a sua própria cultura que foi montado esse projeto.

No decorrer das várias etapas que compõem este projeto, iremos refletir junto com as crianças sobre valores que estão inseridos nas práticas do nosso dia-a-dia, aproveitando a vivência de cada criança em sua família, na comunidade onde mora, na religião que seus pais adotam e pela sua origem étnica.

Sabemos, que uma escola preocupada com o bem-estar físico, emocional e social do aluno, incentiva manifestações sociais e culturais e desenvolve atividades voltadas para a diversidade cultural. Toda essa preocupação abre caminhos para a inclusão do sujeito ou do grupo que se sente à margem do processo.

É necessário, porém, o fortalecimento da equidade, do diálogo e o reconhecimento dos saberes mútuos evitando-se o discurso “aceitação do outro”, e sim, promover justiça e ato político em prol das diferenças.

O projeto assim delineado enfoca toda essa preocupação e reflete sobre o que é proposto pelo professor Marcelo Ricardo em seu artigo “A Boina Alienígena”, (*Sujeito, Identidade e Diversidade cultural*), da Revista Presença.

Um outro enfoque que é ressaltado refere-se às idéias do sociólogo Philippe Perrenoud. A partir da seguinte afirmação: “Diferenciar o ensino é organizar as interações e atividades de modo que cada aluno se defronte constantemente com situações didáticas que lhe sejam as mais fecundas”, (*A Pedagogia das diferenças, 1995*), urge a reflexão sobre a escola investigativa, capaz de adotar medidas e ações em torno das desigualdades, tendo por base uma análise profunda sobre os mecanismos que geram suas desigualdades.

Nesse contexto o professor deve instituir em sua prática uma didática que prime pelo trabalho coletivo que saiba trabalhar atitudes e conflitos, além das possibilidade de cada um ser reconhecido pelo grupo, quaisquer que sejam suas competências escolares ou seu nível cultural.

Enfim, uma boa educação é a que respeita, acredita e aposta nas competências dos alunos, compreendem seus limites e dificuldades, aguça a sua curiosidade investigatória, favorece o diálogo, o debate e as reflexões científicas, instiga a busca de soluções, possibilita a auto-expressão, a brincadeira prazerosa e a alegria espontânea, se armando de ferramentas para se apropriar do saber, pois como diz Rubens Alves, “ferramentas nos substanciam de sentimentos que nos ajudam a resolver os problemas vitais do dia-a-dia e é com elas que voamos pelos caminhos do mundo” (apud. *Correio Braziliense: Escola é lugar de criança ser feliz*).

Durante a aplicação do projeto, eles conhecerão melhor, não apenas a história do Brasil, nosso passado, mas também o espaço social em que vivem, ao lado de sua

família e seus amigos. E esse conhecimento é importante, pois o passado se junta ao presente que eles ajudam a construir formando assim sua própria história.

OBJETIVO GERAL

Interessar-se e demonstrar curiosidade pelo mundo social , formulando perguntas, imaginando soluções para compreendê-lo, manifestando opiniões próprias sobre os acontecimentos, buscando informações e confrontando idéias.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

1. Observar e explorar o ambiente com atitude de curiosidade;
2. Perceber-se como integrante, dependente e agente transformador do meio em que está inserido;
3. Identificar e respeitar às características pessoais relacionadas a etnia;
4. Reconhecer e valorizar a cultura de seu grupo de origem e de outros grupos;
5. Valorizar atitudes que contribuam para a conservação de sua cultura;

METODOLOGIA

O Projeto será desenvolvido em turmas de educação infantil, podendo cada professor adaptar as várias etapas conforme as necessidades e características de sua turma, através de brincadeiras e interações lúdicas .

O tempo destinado a aplicação e conclusão do projeto é o ano letivo em sua totalidade, estando o projeto dividido nas seguintes etapas:

- A. COMO ERA O BRASIL ANTES DA CHEGADA DOS PORTUGUESES?**
- B. OS PORTUGUESES CHEGARAM!**

C. A CHEGADA DOS NEGROS NO BRASIL.

D. OS IMIGRANTES.

E. O BRASIL HOJE.

Após o desenvolvimento do projeto, os alunos deverão confeccionar um livro com os textos produzidos e as informações apresentadas.

AÇÕES PLANEJADAS

A- COMO ERA O BRASIL ANTES DA CHEGADA DOS PORTUGUESES?

1. Conversa informal sobre o índio:
 - ♣ costumes
 - ♣ roupas
 - ♣ comidas
 - ♣ moradias
 - ♣ dialetos
2. Confeção de uma maquete de aldeia indígena;
3. Visita à Maloquinha, na FUNAI:
 - ♣ exposição
 - ♣ vídeos
 - ♣ palestras
4. Confeção de brinquedos de origem indígena:
 - ♣ peteca
 - ♣ bilboquê
 - ♣ barangandão
5. Realização de brincadeiras de origem indígena:
 - ♣ jogo do gavião
6. Cantar a música:

“A coruja”

No meio da floresta, morava uma coruja.

Em noite de lua ouvia o seu cantar:

Tui-tui, Tui-tui, Tui-tui, Tui-tui, Tui-tui

Tuirá-tã-tã, Tuirá-tã-tã

Tuirá turi turi, Tuirá-tã-tã

Tuirári, Tuirári

Tuirá turi turi, Tuirá-tã-tã

7. Apresentar nas outras turmas a música “ A coruja”
8. Assistir ao filme “ Tainá”
9. Hora da história: Lendas de origem indígena:
 - ♣ A Lenda do Paranoá
 - ♣ A Lenda da mandioca
10. Representar no mapa, a população indígena do Brasil no período Pré-Colonial;
11. Pesquisar: Como os índios vivem hoje;
12. Explorar, em sala de aula, os resultados da pesquisa;
13. Produção de texto coletivo sobre os índios.

B. OS PORTUGUESES CHEGARAM!

1. Apresentação de um cartaz que representa a chegada dos portugueses no Brasil;
2. Explorar o cartaz:
 - ♠ Como os Portugueses chegaram ao Brasil?
 - ♠ Como estavam vestidos os portugueses?
 - ♠ O rosto dos índios demonstra que sentimentos?
 - ♠ Quem recebeu os portugueses?
 - ♠ Como você reagiria se alguém viesse morar em sua casa sem pedir licença?
 - ♠ etc.
3. Conversa informal sobre os costumes portugueses da época do descobrimento:
 - ♠ roupas
 - ♠ higiene
 - ♠ alimentação
 - ♠ utensílios
 - ♠ idioma

4. Produção de texto coletivo sobre a chegada dos portugueses no Brasil;
5. Visita à Embaixada de Portugal:
 - ♠ Conversa com o Embaixador;
 - ♠ Exposição de fotos sobre Lisboa;
 - ♠ Exposição de tapetes tradicionais portugueses;
 - ♠ Visita à Biblioteca Instituto Camões.
6. Confeção de brinquedo de origem portuguesa: ♠ As Cinco Marias
7. Realização de brincadeiras de origem portuguesa: ♠ Amarelinha
 - ♠ A bruxa
8. Participar de brinquedos cantados de origem portuguesa:
 - ♠ Pirulito que Bate-Bate;
 - ♠ Ciranda Cirandinha.
8. Hora da história: Lendas de origem portuguesa: ♠ A Cuca
 - ♠ A Iara
9. Representar no mapa do Brasil a população de índios e brancos, na época colonial.

C. A CHEGADA DOS NEGROS NO BRASIL.

1. Conversa informal sobre a escravidão no Brasil:
 - ♥ A vida do negro na África;
 - ♥ A captura;
 - ♥ A viagem nos navios negreiros;
 - ♥ Os mercados de escravos;
 - ♥ A vida do negro no Brasil.
2. Confeção de um navio negreiro de sucata;
 1. Confeção de uma senzala;

2. Conhecer e dramatizar a história de Zumbi dos Palmares;
3. Hora da história: A princesa dos negros livres;
4. Participação de brinquedo cantado de origem negra: ♥Escravos de Jó
5. Realização de brincadeiras de origem negra: ♥Boca de Forno
 - ♥Chicotinho Queimado
6. Hora da história: Lendas de origem negra: ♥O Negrinho do Pastoreio
 - ♥O Campo da Esperança
10. Representar no mapa do Brasil a população de origem indígena, branca e negra na época do Brasil Império;
11. Entrevistar as professoras, sobre a quantidade de alunos negros existente em suas salas:
 - ♥Formar grupos de 3 componentes para realizar as entrevistas;
 - ♥Sair a campo;
 - Quantos alunos há em sua sala de aula?
 - Quantos desses alunos são negros?
 - Por que , em sua opinião, tem essa quantidade de negros e brancos na escola?
 - ♥Discutir, em roda, os resultados da pesquisa;
 - ♥Produzir um texto coletivo com sobre os dados coletados.
12. Assistir a palestra com representante do Conselho Nacional do Negro.

D. OS IMIGRANTES.

1. Conversa informal sobre a chegada dos imigrantes ao Brasil:
 - ◆Motivos para ocorrer a imigração;
 - ◆Origem dos imigrantes.
2. Explorar cartaz com fotos de crianças de vários países do mundo, vestidas com roupas folclóricas e portando artefatos e comidas típicas;
3. Identificar influência dessas culturas na cultura brasileira;
4. Produção de texto sobre a conclusões tiradas durante essa atividade;

5. Ler história da presença dos judeus nas caravelas de Cabral e as contribuições da cultura judaica para a nossa cultura:

- ◆superstições;
- ◆amuletos;
- ◆ditados populares.

6. Assistir palestra sobre a cultura judaica, ministrada pelo Rabino Lasário, seguida de conversa informal e experimentar comidas de origem judaica;

7. Entrevistar uma descendente de árabes, sobre a Cultura Árabe e suas contribuições para a cultura brasileira, seguida de uma apresentação de Dança do Ventre e experimentação de comida de origem árabe;

8. Confeccionar brinquedos trazidos pelos imigrantes para o Brasil e que foram incorporados pelo nosso folclore:

- ◆pipa;
- ◆pião;

9. Realização de brincadeiras trazidas pelos imigrantes para o Brasil e que foram incorporadas pelo nosso folclore:

- ◆amarelinha;
- ◆bola ao alvo;
- ◆bola à cavalo;
- ◆rolando bambolês.

10. Representar no mapa do Brasil, a população brasileira, após a entrada dos imigrantes no país.

E. O BRASIL HOJE.

1. Debate sobre como é o Brasil hoje, quais as manifestações culturais que fazem parte do Folclore Brasileiro:

- ⊗ Festas: - Bumba-meu-boi;
 - Cavalhada;
 - Festa Junina;
 - Carnaval;

- etc.

⊗Músicas:

- Samba;
- Cantigas de roda;
- Forró;
- Catira;
- Sertanejo;
- etc.

⊗Comidas:

- Arroz com pequi;
- Compota de frutas;
- Feijoada;
- Churrasco;
- etc.

⊗Lendas:

- Bicho-Papão;
- O boto;
- Mula-sem-Cabeça;
- etc.

⊗Adivinhas, trava-línguas, O que é o que é? Etc.

2. Representar no mapa do Brasil a diversidade da população brasileira hoje.

RECURSOS

Os recursos humanos necessários, além dos alunos e professores, são:

- Palestrante do Conselho Nacional do Negro;
- Rabino Lasário;
- Aluna de 4^a série, descendente de árabes;
- Anfitriã da Maloquinha;
- Motorista do ônibus;
- Monitores;

- Embaixador e recepcionista da Embaixada de Portugal;
- Professoras regentes de outras turmas da escola;

Os recursos materiais que deverão ser utilizados são:

- Isopor;
- Palito de picolé;
- Ramos de árvores;
- Papel crepom;
- Cola;
- Tesoura;
- Barbante;
- Garrafa pet 2lts, vazia;
- Folhas de jornal;
- Aparelho de som;
- Fita de vídeo: Tainá;
- Livros de lendas;
- Papel sulfite;
- Papel de seda;
- Papel pardo;
- Varetas de bambu;
- Pedacos de madeira, em formato cúbico;
- Cartaz representando a chegada os portugueses ao Brasil;
- Cartaz representando as crianças do mundo;
- Retalhos de pano;
- Areia;
- Ônibus Escolar;
- Roupa árabe, de dança do ventre;
- Fantasias folclóricas.
- Comidas de origem árabe e judaica.
-

AVALIAÇÃO

A Avaliação se realizará pela observação do interesse, participação, frequência, respeito ao trabalho dos colegas e pela habilidade nos desenhos, pesquisas, confecções, pinturas, produção de textos, confecção de mapa conceitual e no desempenho em responder as questões surgidas durante o projeto.

REFERÊNCIAS

1. MUNANGA, kabengele (org). **Superando o Racismo na Escola**. 3ª ed. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental. Rio de Janeiro
2. **Sociedade e Cultura Brasileira**.vol.9.Coleção Ofício Professor, Fundação Vítor Civita, ed. Abril

3. RIBEIRO, Helena Maria. *Pequeno Cidadão. Um candanguinho conhecendo o Distrito Federal*: Geografia e História: ensino fundamental.3ª série, ed. Fábrica do Livro
4. PEREIRA, Olímpio Neto. **Lendas e Contos do Planalto Central**. Ed. ATL/Gráfica e Papelaria Distrital, Brasília: 1995
5. **Guia Prático para Professores de Educação Infantil**. Revistas no. 07e 09, Ed. Lua das Artes, São Paulo:2003
6. **Guia Prático para Professores de Educação Infantil**. Revistas no.15 e 19, Ed. Lua das Artes, São Paulo:2004
7. RUFINO, Joel dos Santos (org). **A vida de Zumbi dos Palmares**. Ed. FAE, Brasília: 1995
8. CARVALHO, André. **A princesa dos Negros Livres**. Co-Edição: Armazém de idéias/CEDIC
9. **Revista Recreio**. “Tradições de todo dia”. no. 75. Ed. Abril. São Paulo:2001
10. CONCEIÇÃO, Jônatas. **África: Ventre fértil do mundo**. Ed. Carlos Bugia, Salvador: 2001
11. **Revista Ciência Hoje das Crianças**. “*Do mundo inteiro, rumo ao Brasil*” No.139. FNDE. Rio de Janeiro: 2003
12. Site: www.terrabrasileira.com.br
13. Site: www.ensinandodesiao.org.br
14. SECRETARIA DO ESTADO DE EDUCAÇÃO. *Currículo da educação básica, das escolas públicas do Distrito Federal*. Brasília: SEDF/2002
15. PASSARINHO, Júlia. “*Escola é lugar de criança ser feliz*”. Entrevista: Correio Brasiliense.
16. **Revista Presença** : “*A Boina alienígena: Sujeito, Identidade e Diversidade Cultural*” Marcelo Ricardo.
17. PERRENOUD, Philippe. **A Pedagogia da diferença**.

APÊNDICE B

Entrevista

Gladys: Qual o seu nome?

Mãe: Valdeci Sousa Pereira

Gladys: E de seu filho?

Mãe: Samuel Odebaran Sousa Pereira

Gladys: No ano anterior, ele foi aluno da Escola Classe 316 Norte?

Mãe: Foi.

Gladys: No ano de 2004, as crianças desenvolveram um projeto, sobre Pluralidade Cultural. Você teve conhecimento desse projeto?

Mãe: Tive conhecimento sim.

Gladys: Qual é sua opinião sobre esse projeto?

Mãe: Achei um projeto muito interessante, além deles terem estudado sobre os índios, eles fizeram apresentação em relação aos índios mesmo e dos conhecimentos que eles adquiriram. Foi visto também, em sala a cultura dos negros e dos portugueses, desde a colonização, até atualmente.

Gladys: Qual foi o reflexo disso em casa?

Mãe: Em casa, eu senti muito entusiasmo dele, assim de conhecer um pouco mais do Brasil, em relação até de casamento de branco com negro, de índio, o que forma entendeu? Muito interessante! Até hoje essa conversa reina lá em casa

Gladys: E qual foi a sua participação nesse projeto?

Mãe A minha participação foi que a gente pesquisou na internet, várias opiniões de pessoas em relação a ética e historiadores. E ele ficou muito interessado nesse assunto, tanto que volta e meia, ele tá lá mexendo no computador, justamente buscando o que ele viu o ano passado e esse ano também ele buscou também outras coisas. Ele é muito interessado, tanto na leitura, como na visualização no vídeo.

Gladys: Mas na escola, a senhora participou desse projeto?

Mãe: Participei, da parte dos índios sim. Teve uma apresentação deles em relação aos índios e a gente veio assistir.

Gladys: E na confecção do projeto? No planejamento? Teve participação?

Mãe: Só na leitura né?

Gladys: E na montagem?

Mãe: Não, participação direta não. Ele levou alguma coisa...

Gladys: Sua participação foi em casa?

Mãe: Isso. Gostaria de ter participado mais.

Gladys: Obrigado por sua colaboração.

APÊNDICE C

GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL.
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO.
ESCOLA CLASSE 316 NORTE.

Projeto II

IDENTIDADE

Brasília, março de 2005.

Identidade

Escola Classe 316 Norte.

Ano letivo de 2005.

Turmas de 1^a série do Ensino Fundamental idade entre 7 e 9 anos.

Coordenação: Gladys Maris Leite

Apresentação

Esse projeto visa propiciar a criança reconheça sua identidade cultural e eleve sua auto-estima por meio do estudo da história de sua família e de seus colegas, percebendo-se como co-autor da história de seu grupo social, de sua cidade, de seu país e do mundo!

Ele está dividido em 5 etapas, que se sucederão e relacionarão, não havendo uma ordem hierárquica entre as 5ª e 6ª etapas.

Justificativa

Sendo uma escola inclusiva de alunos deficientes físicos, só esses alunos têm sua história de vida pesquisada pela instituição, ou então aqueles alunos que apresentam alguma dificuldade no dia-a-dia da escola. Ainda assim, é apenas para conhecimento e ação do apoio e da professora em ações diretas com o aluno, mas não um trabalho efetivo em sala de aula, a menos que seja um caso grave.

Já no que concerne aos outros alunos, percebe-se uma alienação da escola com relação à história de vida dos mesmos. Em muitos momentos professores e apoio pedagógico identificam problemas de baixa auto-estima nos educandos, conversam sobre o assunto, no entanto, nada é feito para solucionar ou mesmo minimizar o problema.

Há uma homogeneização das culturas e dos grupos étnicos que fazem parte da escola como: o negro, o índio e o descendente de imigrante. Diluindo a identidade cultural de cada um e só tratando do assunto em dias estilizados, como o dia do índio e a abolição da escravatura transformando-os em história antiga e não os reconhecendo como parte do mundo atual.

Esse projeto foi pensado para que as crianças tenham a oportunidade de expressar sua cultura e vê-la valorizada pela escola, tornando-se uma pessoa mais segura e confiante, com uma boa auto-estima. E para ter contato com outras culturas

vivendo a experiência de conhecer e dialogar com as mesmas, porque como diz Nilson Santos(2002, p.26) em seu livro *Filosofia para crianças - investigação e democracia na escola*, “A educação fundada no diálogo humaniza o mundo, pois torna consciente o que há de significativo na singularidade e também na práxis social do grupo ao qual se pertence”.

Objetivo Geral

Compreender as qualidades da própria cultura, valorizando-a criticamente, enriquecendo a vivência de cidadania e elevando sua auto-estima, como ser humano pleno de dignidade.

Objetivos específicos

1. Interpretar diferentes fontes de informação, questionando e fazendo articulações com várias áreas do conhecimento, sendo capaz de resolver problemas do cotidiano;
2. Conhecer a diversidade natural e sociocultural brasileira, posicionando-se à respeito, diante de seus diferentes aspectos;
3. Perceber-se como parte integrante, dependente e transformadora de um todo maior e dinâmico, buscando sua compreensão e interagindo com as outras partes;
4. Compreender as relações de convivência para interagir, positivamente, em diferentes grupos, valendo-se do respeito, da cooperação e da solidariedade, repudiando a discriminação e a injustiça, elegendo o diálogo como meio de resolver conflitos;
5. Ler escrever e produzir, com autonomia, em diferentes linguagens – verbais, matemáticas, gráficas, artísticas, corporais – para interagir com o outro, expressando-se, interpretando, considerando a intencionalidade e usufruindo diversas situações.

Metodologia

O projeto será desenvolvido em turma de 1ª série, com alunos de 6 a 9 anos de idade, da Escola Classe 316 Norte, por meio de atividades lúdicas de interação e socialização com os colegas.

O projeto terá a duração de um semestre letivo, em 6 etapas, após as quais deverão confeccionar um livro sobre cada colega de sala e sua cultura, intitulado: Construindo amigos.

Ações Planejadas

1ª Etapa:

1. Tirar a cópia da certidão de nascimento de cada uma das crianças;
2. Levar as certidões dentro de uma caixa e realizar a dinâmica da caixa surpresa:
 - ◆ Aqui dentro tem uma coisa que é muito importante. Alguém sabe o que é?
 - ◆ É uma parte de vocês...
 - ◆ Sem isso o Brasil nem saberia que vocês existem...
3. Entregar a certidão e deixar que as crianças manipulem-na livremente;
4. Identificar o local de nascimento;
5. Localizar no mapa do Brasil o Estado em que nasceu;
6. Entregar um modelo de certidão, em branco para ser preenchida pelas crianças junto com os pais, em casa.

2ª Etapa

1. Conversar com as crianças sobre como se realizou o trabalho de preenchimento da certidão de nascimento, com a família, para que as mesmas socializem suas experiências;
2. Identificar a data de nascimento de cada um;
3. Confeccionar um gráfico com as datas de nascimento das crianças;

4. Explorar o gráfico:

- ◆ Qual as informações que o gráfico nos dá?
- ◆ Quantos alunos têm na turma?
- ◆ Qual o mês que tem menos alunos fazendo aniversário?
- ◆ Qual o mês que tem mais alunos fazendo aniversário?
- ◆ Existe algum mês em que ninguém faz aniversário?

5. Aproveitar o gráfico para montar o mural dos aniversariantes do mês.

3ª Etapa

1. Pedir fotos das crianças em cada fase da vida (recém nascido, 1 ano, etc.);
2. Montar com as crianças a linha do tempo de cada uma delas;

4ª Etapa

A cada novo tema a ser desenvolvido durante o ano (Alfabetos de várias partes do mundo, Páscoa, dia do índio, aniversário de Brasília, descobrimento do Brasil, etc.) serão selecionados três alunos cuja vida tenha alguma relação com tal assunto (descendência árabe, descendência indígena, pais brasilienses, etc.) e através da história e cultura, de sua família, serão trabalhados todos os temas e conteúdos, seguindo os passos a baixo:

- a) A criança apresentará sua linha do tempo aos colegas;
- b) A criança fará uma exposição para a turma de objetos de sua época de recém nascido e de seus brinquedos favoritos;
- c) Os alunos montarão um quebra-cabeça com o nome do colega em questão;
- d) Os alunos farão um acróstico com o nome do colega;
- e) Todos confeccionarão um texto descrevendo o colega (no início o texto será coletivo, mas com o tempo deverão produzir textos individuais);

- f) A família será convidada a vir à escola, através de um convite escrito pelas crianças, para falar sobre a história da família os principais eventos familiares e seus costumes;
- g) A família trará a receita da sobremesa preferida da criança e junto com a turma irá confeccioná-la para o lanche, chamando a atenção para a higiene alimentar;
 - ◆A receita será colocada no quadro para que todos possam copiá-la e utilizá-la em casa;
- h) A turma irá agradecer à família através da entrega de um quadro pintado com o auxílio de todos os alunos e que descreva a história da família, que lhes foi contada.

O trabalho com a história de cada criança, se estiver relacionado a algum evento, deverá se realizar em um período anterior à comemoração do mesmo.

5ª Etapa

Durante o período em que haverá a apresentação de cada família, os temas deverão ser desenvolvidos, por meio de atividades variadas e com a participação de todos os alunos, que tiverem contribuições a acrescentar.

B- Alfabeto e números

1. Desenhar no quadro a linha do tempo da escrita;
2. Apresentar a escrita pictográfica, cuneiforme...
3. Montar um alfabeto pictográfico com os alunos;
4. Separar a turma em grupos, para que escrevam frases utilizando o alfabeto pictográfico e apresentem uns aos outros e esses descubram o que está escrito;
5. Apresentar alfabetos de várias partes do mundo identificando no Mapa Mundi a localização de cada país;
6. Apresentar os alfabetos em Braille, Morse e Libras e conversar sobre o motivo da existência de cada um.

7. Contar a história dos números e apresentar os numerais árabes e romanos;
8. Receber as famílias de origem árabe e seguir os passos da 4ª etapa.

C- Brasil pré-colonial

14. Conversa informal sobre o índio:
 - ♣ costumes
 - ♣ roupas
 - ♣ comidas
 - ♣ moradias
 - ♣ dialetos
15. Visita à Maloquinha, na FUNAI:
 - ♣ exposição
 - ♣ vídeos
 - ♣ palestras

16. Assistir ao filme “ Tainá”

17. Hora da história: Lendas de origem indígena:

- ♣ A Lenda do Paranoá
- ♣ A Lenda da mandioca

18. Representar no mapa, a população indígena do Brasil no período Pré-Colonial;

19. Receber as famílias de descendência indígena e seguir os passos da 4ª etapa;

D- Brasil colonial

10. Apresentação de um cartaz que representa a chegada dos portugueses no Brasil;

11. Explorar o cartaz:

- ♣ Como os Portugueses chegaram ao Brasil?
- ♣ Como estavam vestidos os portugueses?
- ♣ O rosto dos índios demonstra que sentimentos?
- ♣ Quem recebeu os portugueses?
- ♣ Como você reagiria se alguém viesse morar em sua casa sem pedir licença?
- ♣ etc.

12. Conversa informal sobre os costumes portugueses da época do descobrimento:

♠ roupas

♠ higiene

♠ alimentação

♠ utensílios

♠ idioma

13. Produção de texto coletivo sobre a chegada dos portugueses no Brasil;

14. Confeção de brinquedo de origem portuguesa: ♠ As Cinco Marias

15. Realização de brincadeiras de origem portuguesa: ♠ Amarelinha

♠ A bruxa

8. Participar de brinquedos cantados de origem portuguesa:

♠ Pirulito que Bate-Bate;

♠ Ciranda Cirandinha.

16. Hora da história: Lendas de origem portuguesa: ♠ A Cuca

♠ A Iara

17. Representar no mapa do Brasil a população de índios e brancos, na época colonial.

18. Receber as famílias baianas e seguir os passos da 4ª etapa.

E- Aniversário de Brasília

1. Pesquisar, na família, a participação na construção de Brasília;

2. Ouvir a música “Cidadão” do Zé Geraldo;

3. Discutir as informações pesquisadas na família;

4. Apresentar fotos da época da construção de Brasília;

5. Receber as famílias brasilienses e seguir os passos da 5ª etapa.

6. Montar um álbum ilustrativo, registrando a cartografia, problemas sociais, meio ambiente, saúde, atrações turísticas, meios de transporte e eventos culturais (Carnaval, aniversário de Brasília, Corpus Christi, Festa junina, Festa dos Estados, Feira Agropecuária, Micarecandanga, Ano Novo na Esplanada).

F- Dia da Consciência Negra

1. Conversa informal sobre a escravidão no Brasil:

♥A vida do negro na África;

♥A captura;

♥A viagem nos navios negreiros;

♥Os mercados de escravos;

♥A vida do negro no Brasil.

2. Confeção de um navio negreiro de sucata;

3. Conhecer e dramatizar a história de Zumbi dos Palmares;

4. Hora da história: A princesa dos negros livres;

5. Participação de brinquedo cantado de origem negra: ♥Escravos de Jó

6. Realização de brincadeiras de origem negra: ♥Boca de Forno

♥Chicotinho Queimado

7. Hora da história: Lendas de origem negra: ♥O Negrinho do Pastoreio

♥O Campo da Esperança

10. Representar no mapa do Brasil a população de origem indígena, branca e negra na época do Brasil Império;

12. Assistir a palestra com representante do Conselho Nacional do Negro.

13. Receber as famílias afro-descendentes e seguir os passos da 4ª etapa.

G- Os Emigrantes

11. Conversa informal sobre a chegada dos imigrantes ao Brasil:

◆Motivos para ocorrer a imigração;

◆Origem dos imigrantes.

12. Identificar influência dessas culturas na cultura brasileira;

13. Explorar cartaz com fotos de crianças de vários países do mundo, vestidas com roupas folclóricas e portando artefatos e comidas típicas;

14. Ler história da presença dos judeus nas caravelas de Cabral e as contribuições da cultura judaica para a nossa cultura:

◆Superstições;

- ◆ Amuletos;

- ◆ Ditados populares.

15. Assistir palestra sobre a cultura judaica, ministrada pelo Rabino Lasário, seguida de conversa informal e experimentar comidas de origem judaica;

16. Confeccionar brinquedos trazidos pelos imigrantes para o Brasil e que foram incorporados pelo nosso folclore:

- ◆ Pipa;

- ◆ Pião;

17. Realização de brincadeiras trazidas pelos imigrantes para o Brasil e que foram incorporadas pelo nosso folclore:

- ◆ Amarelinha;

- ◆ Bola ao alvo;

- ◆ Bola a cavalo;

- ◆ Rolando bambolês.

18. Representar no mapa do Brasil a diversidade da população brasileira hoje.

9. Convidar as famílias que ainda não se apresentaram para virem à escola.

Durante o desenvolvimento das etapas os alunos confeccionarão um livro intitulado: Matemática Viva. No qual serão registradas todas as situações-problema, a serem levantadas pela turma, com as informações recolhidas durante o projeto e relacionadas à números e quantidades.

Habilidades trabalhadas

- ✓ Escutar ativamente a leitura de diversos textos;
- ✓ Expressar oralmente a compreensão da mensagem da qual é destinatário;
- ✓ Transmitir mensagens, utilizando a linguagem oral, com desenvoltura, procurando adequá-la a intenções e situações comunicativas;

- ✓ Produzir e reproduzir textos orais (individual e coletivamente), observando a ordem cronológica dos fatos e o assunto tratado;
- ✓ Perceber os diferentes modos de falar, em diversas situações de interlocução, diante de diferentes interlocutores;
- ✓ Expor oralmente temas estudados (com preparação prévia);
- ✓ Conhecer e compreender gradativamente o funcionamento do sistema de escrita alfabética;
- ✓ Ler e escrever gradativamente de forma convencional;
- ✓ Utilizar estratégias de decifração, seleção, antecipação, inferência e verificação;
- ✓ Produzir textos escritos, observando os aspectos notacionais e discursivos;
- ✓ Desenvolver atitude crítica em relação à produção de textos próprios e alheios;
- ✓ Usar a escrita como forma de expressão subjetiva: traduzir emoções, escrever o que sente ou pensa;
- ✓ Construir gradativamente a noção de anterioridade, posterioridade e simultaneidade;
- ✓ Desenvolver o raciocínio matemático, através da classificação, ordenação e comparação de objetos;
- ✓ Construir o significado de número natural a partir da contextualização social;
- ✓ Interpretar e traduzir escritas numéricas;
- ✓ Compreender gradativamente o processo de agrupamento e de transferência das ordens do Sistema de Numeração Decimal;
- ✓ Formular hipóteses sobre escrita numérica pela identificação da quantidade de algarismos e da posição ocupada por ele;
- ✓ Resolver situações-problema que envolvam adição e/ou subtração;
- ✓ Reconhecer medidas mensuráveis, comparando grandezas da mesma natureza, fazendo estimativas de resultados;
- ✓ Identificar as principais variações que ocorrem em determinado ambiente, em momentos diferentes de um mesmo dia, reconhecendo a importância dos agentes físicos para as modificações que ocorrem no tempo;

- ✓ Identificar a paisagem local: sua origem e organização, as manifestações da natureza em seus aspectos biofísicos, as transformações sofridas ao longo do tempo;
- ✓ Reconhecer uma atitude de cuidado com o meio em que vive;
- ✓ Identificar os principais meios de transporte;
- ✓ Identificar os diversos meios de comunicação e sua evolução;
- ✓ Estabelecer relações de passado, presente e de futuro, a partir de sua própria história de vida;
- ✓ Reconhecer-se como parte integrante do ambiente;
- ✓ Perceber ambientes naturais e ambientes construídos;
- ✓ Refletir sobre a sua própria produção artística e a produção alheia, num dado contexto;
- ✓ Construir significação por meio da realização de formas artísticas;
- ✓ Acolher a diversidade do repertório cultural;
- ✓ Reconhecer a necessidade de organização de sistemas de documentação, de preservação e divulgação de bens culturais;
- ✓ Compreender as regras do convívio escolar;
- ✓ Conhecer as regras e suas implicações em jogos e brincadeiras;
- ✓ Reconhecer a linguagem dos movimentos como fonte de expressão de sentimentos, de emoções e de estilo pessoal;
- ✓ Identificar a família como célula formadora da sociedade e preservadora da cultura, valorizando o seu relacionamento de amor, reconhecendo as diferentes formas de convívio familiar.

Recursos

a) Os recursos humanos necessários, além dos alunos e professores, são:

- Palestrante do Conselho Nacional do Negro;
- Rabino Lasário;
- Anfitriã da Maloquinha;
- Motorista do ônibus;

- Monitores;
- Professoras regentes de outras turmas da escola;

b) Os recursos materiais que deverão ser utilizados são:

- Palito de picolé;
- Papel crepom;
- Cola;
- Tesoura;
- Barbante;
- Garrafa pet 2lts, vazia;
- Folhas de jornal;
- Aparelho de som;
- Fita de vídeo: Tainá;
- Livros de lendas;
- Papel sulfite;
- Papel de seda;
- Papel pardo;
- Varetas de bambu;
- Pedacos de madeira, em formato cúbico;
- Os seguintes cartazes:
 - representando a chegada os portugueses ao Brasil;
 - representando as crianças do mundo;
 - representando os vários tipos de alfabeto;
 - representando a linha do tempo dos números;
 - representando a linha do tempo do relógio;
- Ônibus Escolar;
- Diversos tipos de alimentos trazidos pelos pais.

Avaliação

O aluno será avaliado contemplando três aspectos: o cognitivo, o afetivo e o psicossocial, através de:

- Observação do docente durante as discussões e apresentações;
- Participação nos debates;
- Análise das pesquisas a serem feitas e de sua apresentação das mesmas;
- Confecção de textos individuais;
- Participação nos textos coletivos;
- Confecção do livro: Construindo amigos;
- Confecção do livro: Matemática viva.

Referências

18. MUNANGA, kabengele (org). **Superando o Racismo na Escola**. 3ª ed. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental. Rio de Janeiro
19. RIBEIRO, Helena Maria. **Pequeno Cidadão. Um candanguinho conhecendo o Distrito Federal**: Geografia e História: ensino fundamental. 3ª série, ed. Fábrica do Livro
20. PEREIRA, Olímpio Neto. **Lendas e Contos do Planalto Central**. Ed. ATL/Gráfica e Papelaria Distrital, Brasília: 1995
21. **Guia Prático para Professores de Educação Infantil**. Revistas no. 07e 09, Ed. Lua das Artes, São Paulo:2003
22. **Guia Prático para Professores de Educação Infantil**. Revistas no.15 e 19, Ed. Lua das Artes, São Paulo:2004
23. RUFINO, Joel dos Santos (org). **A vida de Zumbi dos Palmares**. Ed. FAE, Brasília: 1995
24. CARVALHO, André. **A princesa dos Negros Livres**. Co-Edição: Armazém de idéias/CEDIC
25. **Revista Recreio**. “Tradições de todo dia”. no. 75. Ed. Abril. São Paulo:2001
26. CONCEIÇÃO, Jônatas. **África: Ventre fértil do mundo**. Ed. Carlos Bugia, Salvador: 2001
27. **Revista Ciência Hoje das Crianças**. “Do mundo inteiro, rumo ao Brasil” No.139. FNDE. Rio de Janeiro: 2003
28. Site: www.terrabrasileira.com.br
29. Site: www.ensinandodesiao.org.br
30. SECRETARIA DO ESTADO DE EDUCAÇÃO. *Currículo da educação básica, das escolas públicas do Distrito Federal – Ensino Fundamental 1ª a 4ª série*. Brasília: SEDF/2002
31. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DESPORTO. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental – temas transversais*. Brasília: MEC/SEF, 1998

APÊNDICE D

APÊNDICE E